

O ensaio da porta

9-ano · relato

Rui chegou cedo ao ensaio e encontrou uma cadeira a tapar a entrada do palco. Arrastou-a para o canto e abriu a porta de par em par. Na peça, a sua personagem devia receber uma vizinha que vinha pedir ajuda. Rui tinha decorado a fala de boas-vindas e julgava que a porta aberta já explicava a disponibilidade do anfitrião.

Marta, que representava a vizinha, entrou sem hesitar. A encenadora interrompeu a cena: «Se ela encontra passagem livre, que dificuldade precisa de vencer?» Rui apontou para o texto. A vizinha tinha viajado durante a noite, mas nenhuma fala dizia que o anfitrião a recusava. A encenadora concordou. Não procurava uma recusa; procurava um gesto que tornasse visível a decisão de acolher.

No segundo ensaio, Rui deixou a cadeira perto da passagem e sentou-se com um livro. Enquanto Marta batia, continuou a ler; depois fechou o livro, afastou a cadeira e levantou-se. Marta esperou pelo gesto antes de entrar. A mesma fala soou menos automática. Rui percebeu que uma ação concluída podia transformar o sentido de uma atividade que estava em curso.

No fim, o colega que observara as duas versões preferiu a primeira: parecia-lhe mais hospitaleira. Marta preferiu a segunda: sentira que a personagem a escutava e lhe cedia espaço. A encenadora pediu que registassem ambas as interpretações. A cadeira não passara a ser um sinal fixo de hostilidade. O seu efeito dependia do momento e do movimento.

Rui levou o livro para casa sem marcar a página onde o fechara. No caderno, anotou o que cada gesto fazia à cena. Já não perguntava apenas se a entrada estava aberta. Perguntava quando, por quem e à custa de que interrupção ela se abria.

anfitrião · Pessoa que recebe alguém.

cedia · Dava ou disponibilizava a outra pessoa.

Escolhe uma opção.

1. Como é que a leitura do livro e o seu fecho se relacionam no segundo ensaio?

1. A atividade em curso é interrompida por uma decisão de acolhimento.

2. O gesto de fechar prolonga a leitura para atrasar a entrada da vizinha.

3. A atividade começa depois da chegada e termina quando a vizinha sai.

Escolhe uma opção.

2. O que procura a encenadora ao interromper a primeira versão?

1. Introduzir uma recusa que faltava nas falas da personagem.

2. Dar ao acolhimento uma expressão visível através da ação.

3. Tornar mais difícil a viagem noturna que a vizinha relata.

Escolhe uma opção.

3. Por que razão o colega e Marta podem preferir versões diferentes sem contradizerem o relato?

1. Atribuem ao livro funções idênticas, mas divergem sobre a fala decorada.

2. Valorizam aspetos distintos: passagem imediata e atenção manifestada.

3. Observam ensaios diferentes e desconhecem a outra versão da cena.

Escolhe uma opção.

4. Que interpretação da cadeira respeita a reflexão do quarto parágrafo?

1. A presença do objeto converte a segunda cena numa recusa inicial.

2. O movimento confirma que a cadeira representa a viagem da vizinha.

3. O significado resulta da sua posição e do gesto que a desloca.

Escolhe uma opção.

5. Que aprendizagem de Rui é sugerida pelas perguntas do último parágrafo?

1. Prefere decorar outra fala para esclarecer a intenção do anfitrião.

2. Considera a construção do acolhimento para além da porta já aberta.

3. Conclui que a hospitalidade depende sobretudo da rapidez de entrada.

Indica se a afirmação é verdadeira ou falsa.

6. Na segunda versão, o livro permite mostrar uma mudança de atenção sem alterar a fala de boas-vindas.
